

LA VIE D'ARTISTE ou Portugal na CEE

SEMA propõe-me que colabore no seu número 4. Prefiro escrever a enviar trabalhos de pintura para reprodução. Porque há algumas questões que é urgente debater, e se faz pouco trabalho teórico sobre artes plásticas, em Portugal. Gostava que este meu texto contribuisse para uma discussão sistemática destas questões. Precisamos muito disso — artistas, não artistas, sobretudo a nova geração. Neste país onde os Dantas (Maltas) abundam, e não podendo ser espanhol, como o Almada, nem querendo sê-lo, sobretudo depois do 25 de Abril, pretendo tornar a minha parte de responsabilidade.

“A verdade, se ela existe ver-se-á que só consiste na procura da verdade”.

1. A prática da arte consiste na procura do significado da arte, através da busca e descoberta da própria originalidade profunda, do exercício dessa individualidade.

Importa ao artista saber o porquê de ser artista, o quê e quem é.

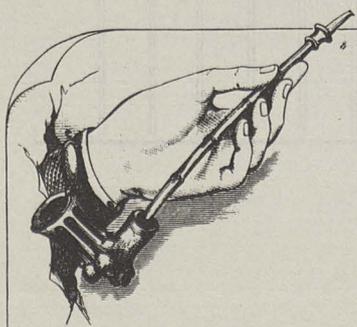
São questões fundamentais, relacionadas com a natureza da condição de artista.

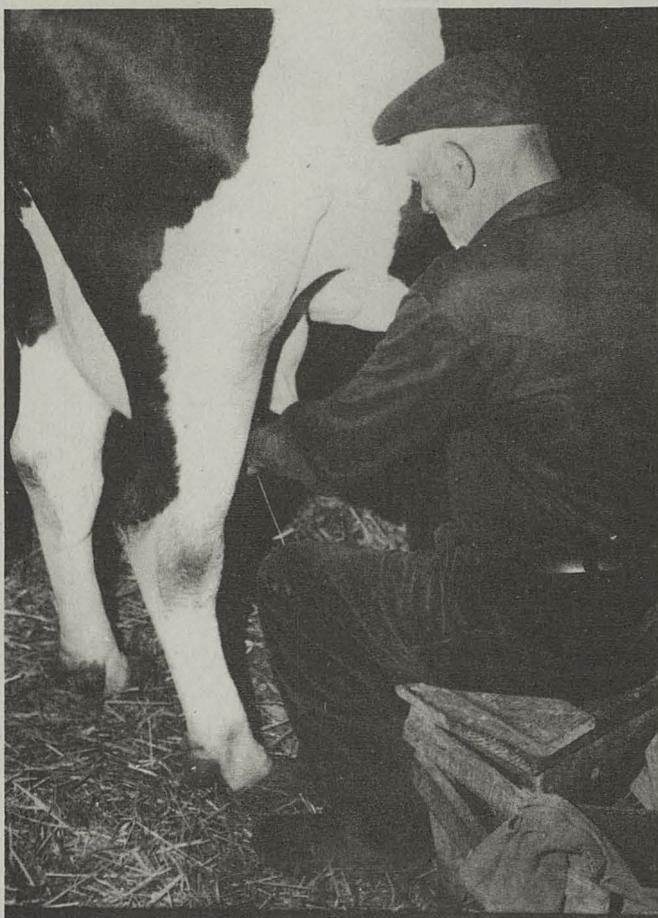
Que é cidadão, e que pretende transmitir aos outros os resultados do seu trabalho, do seu pensamento, da sua reflexão sobre si próprio em relação ao mundo em que vive.

Conforme as suas capacidades, e disponibilidades de dinheiro e tempo, assim o artista se limitará a executar as suas obras, ou as verá divulgadas, usará apenas o seu direito de voto ou terá uma intervenção política mais directa.

Isolado *ou* mantendo contacto com outros artistas e teóricos, através de associações e revistas especializadas ou dos meios de comunicação de massas e associações de carácter político, não há artista que não lute contra o obscurantismo, por uma vida mais harmoniosa, inteligente, livre, bela.

2. Mais facilmente entrará um criador na História da Arte do que na da Política, mas que aqueles que puderem usar a notoriedade que tenham atingido para influenciar os políticos, porque se trata de melhorar a vida das pessoas, e se os artistas não dão uma ajuda os políticos ainda fazem mais asneiras.





Desde que me conheço, e apesar do 25 de Abril, não houve governo (ou partido) que quisesse e/ou pudesse fazer qualquer coisa de sério pela Cultura, em Portugal.

Nesta área, o aparelho de Estado está sobrecarregado de ignorantes, de novos carreiristas da função pública, simples incompetentes com protecções politiquieiras, seres que, mercê de estratégias saloias, detêm chefias para criarem o vazio. Só actuam perante a iminência de escândalo nos grandes meios de comunicação social. Estes, por sua vez, só fazem escândalo por razões de ordem política ou económica, mesmo que se trate de questões culturais, e de qualquer modo fazem tão mau jornalismo, de uma maneira geral.

A divulgação de obras de arte e de trabalhos teóricos sobre arte, a criação de boas escolas, são tarefas fundamentais para a educação e cultura dos Portugueses, para que esta sociedade se desenvolva harmoniosamente. Qualquer governo, qualquer partido que se pretenda minimamente sério tem que tratar adequadamente destes problemas. Tem de ocupar-se da cultura nacional e das suas relações com a cultura europeia e com as outras culturas. E por cultura europeia, ou melhor, euro-americana, não entendo o mercado comum das Artes, que promove os artistas que lhes dão mais jeito, por razões de ordem económica ou de propaganda política, confundindo progresso cultural com moda, ou ideologia estética com estratégia política.

É no âmbito deste Estado, com estes Governos e Partidos, que temos que trabalhar. A emigração não resolve os nossos problemas de artistas portugueses que o somos, mesmo os exilados.

As "descobertas portuguesas na Europa do século XX", Souza-Cardoso ou Pessoa, são as que nos devem interessar, agora, neste fim de século. Temos que nos lançar às descobertas no mundo do século XXI.



UMA HISTÓRIA FEITA DE LIVROS.

Três das novidades:

QUESTÕES COLONIAIS

Luciano Cordeiro

Pref. Mário Mesquita

(Colecção Documenta Histórica)

CICLORAMA CRÍTICO DE UM TEMPO

Carlos Malheiro Dias

(Colecção Mnésis)

O DESCASCAR DA PELE

(Colecção O Chão da Palavra)

TRÊS OBRAS QUE REAFIRMAM
UMA LINHA EDITORIAL DE QUALIDADE

Em todas as livrarias.

Pedidos directos para:

VEGA

Rua Jorge Ferreira de Vasconcelos, 8
(A Entrecampos) 1700 Lisboa
Tel. 73 00 75